

NEONAZISMO: NOVA ROUPAGEM PARA UM VELHO PROBLEMA

Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus*

RESUMO: Este artigo procura buscar a definição de neonazismo, pontuando grupos, partidos e suas estratégias para a disseminação do discurso intolerante do racismo e da xenofobia. Preocupa-se, também, em demonstrar como tal discurso, baseado na ideologia nazista, está sendo aceito por jovens e parte do eleitorado europeu e norte-americano.

PALAVRAS-CHAVE: nazismo, neonazismo, intolerância e memória.

NEONAZISM: NEW COVER TO AN OLD PROBLEM

ABSTRACT: This article search the definition of neonazism, punctuating groups, partys and their strategies to the dissemination of the racism' intolerant speech and the xenophobia. It minds, also, in demonstrating how this speech, based in the nazi ideology, it's been accepted by young people and part of the european and north-american electorate.

KEY WORDS: Nazism; neonazism; intolerance and memory.

INTRODUÇÃO

Ao se falar de neonazismo são notadas concepções simplistas e generalizadoras. O neonazismo, grupos nacionalistas e partidos de direita são, muitas vezes, definidos, erroneamente, como um único movimento homogêneo. Por isso, antes de definir os grupos, os partidos e os movimentos ligados ao neonazismo é necessário discutir o que é o neonazismo, pois na mídia, como também, no meio acadêmico as definições são confusas e pouco esclarecedoras.

A historicidade do nazismo e do neonazismo

Primeiramente, para se entender o neonazismo é necessário dialogar com o que Pierre Bourdieu chamou de historicização social do problema, isto é, as causas da problemática devem ser estudadas, partindo da análise da "história social da emergência desses problemas e de sua constituição progressiva"¹.

Para se discutir o neonazismo, portanto, seria necessário analisar o que possibilitou e como se deu sua formação. Para tanto, parte-se da tese de que os elementos do "novo nazismo" corresponderiam à própria ideologia nazista revigorada, visto que, no período da Guerra Fria até a queda do socialismo, ela sobreviveu, clandestinamente, e reapareceu no momento propício, influenciando e formando grupos neonazistas. A desconsideração deste fator pode levar a definições simplistas a respeito do que, realmente, significa o neonazismo².

Há uma total omissão por parte da mídia e do meio acadêmico pela historicização social dos grupos neonazistas, sendo assim, o neonazismo é tratado, equívocadamente, como um movimento independente do nazismo, com novas

definições e ideologias.

Como a historicização social, a historicização política e cultural é também tão necessária para entender os movimentos neonazistas quanto para esclarecer classificações simplificadoras atribuídas a alguns grupos ligados a este movimento³. As regras de entrada deste campo político e cultural devem ser respeitadas. Não há como definir todos os movimentos de anseios nacionalistas como neonazistas.

Tal discussão ficará mais clara se relacionada a uma exemplificação análoga de Bourdieu. Ao trabalhar com a questão do escritor o sociólogo tenta mostrar que tal denominação é muito difícil de ser homogeneizada, por isso, a dificuldade de usar a noção de campo em alguns casos, pois esta pede uma certa definição para legitimar seus limites. A problemática pode receber uma "resposta fácil apenas dos positivistas que a resolvem por meio de uma definição operatória (chamo escritor) sem verem que a questão da definição (fulano não é um verdadeiro escritor) está em jogo no próprio objeto"⁴.

Está claro que o que ocasiona considerações simplificadoras acerca do neonazismo é o problema da definição por parte da mídia e de alguns estudiosos. Estes generalizam os grupos neonazistas, colocando todos os movimentos no mesmo patamar: separatistas, nacionalistas, partidos de direita e neonazistas. Em vários casos particulares esses grupos são atravessados, em maior ou menor grau, por algumas características ligadas ao fascismo. No entanto, vale lembrar, que nem todo nacionalismo é de direita e muito menos fascista, mas que todo movimento nazi-fascista é nacionalista. Com isso, não há como dizer que haja uma homogeneidade tanto dentro, quanto entre estes movimentos, não se pode generalizá-los ao ponto de operar uma confusão teórica que compare neonazistas com grupos nacionalistas de esquerda que sejam a favor da afirmação cultural de alguns povos e regiões.

* Mestrando –UNESP-ASSIS. Bolsista CNPq

1 BOURDIEU, P. Introdução a uma Sociologia Reflexiva. In. : *O poder simbólico*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.36-37.

2 Sobre as origens do neonazismo e sua ligação com ex-militantes do partido nazista conferir: VIZENTINE, P. V. O ressurgimento da extrema direita e do neonazismo: a dimensão histórica e internacional. In. : MILMAN, L., VIZENTINI, P. F. (Orgs.). *Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político*. Porto Alegre : UFRGS, 2000, p.19-49, HOCKENOS, P. *Livres para Odiar- Neonazistas: ameaça e poder*. São Paulo: Scritta, 1995 e EISENBERG, D. *The Re-emergence of facism*. London: Wocester & London, 1967.

3 HUNTINGTON, S., P. The Clash of Civilizations?. In. : *Foreign Affairs*. London: Summer, 1993, p.22-49.

4 BOURDIEU, P. Introdução a uma Sociologia Reflexiva. p.41-42.

Os “velhos” militantes do Partido Nacional Socialista participaram da formação de novos grupos e da perpetuação de sua ideologia nazista. Sendo assim, não se deve afirmar, que no seio dos grupos neonazistas, existem novas estratégias de se propor iniciativas políticas e ideológicas, salientando uma mudança significativa de determinações em relação às eternas diretrizes do nazismo. Entende-se tais estratégias como iniciativas usadas por esses grupos para não desaparecerem em uma sociedade democrática.

No entanto, alguns estudiosos afirmam que o neonazismo se difere do nazismo por não defender a dicotomia usada pelo nazismo original baseada na discriminação: superioridade/inferioridade racial. Segundo esta linha teórica o neonazismo se fundamenta na diferença cultural contida no discurso de segregação dos povos. Tal preceito sustenta a idéia de que cada povo deve manter sua identidade cultural e nacional em seu determinado meio. Assim, o neonazismo defenderia a incompatibilidade entre grupos distintos. A discriminação que era racial agora seria cultural⁵.

Esta nova linha discriminatória chamada de “novo racismo” é baseada na premissa de que “todas as raças e culturas possuem o direito ao desenvolvimento pleno e irrestrito, porém, devem se manter separadas e independentes, ou mais precisamente, este desenvolvimento deve se dar dentro dos limites bem definidos, no interior da cultura própria a cada uma delas”⁶.

O argumento usado pelo “novo racismo” de que cada cultura deve ser mantida separada e independente e assim poder se desenvolver, explicaria a ideologia de movimentos separatistas como ETA e IRA. No entanto, tais grupos por mais que sejam violentos, discriminatórios e terroristas não são ligados ao neonazismo⁷. O que desejam é uma distância política e cultural (também religiosa no caso do IRA) de seus oponentes, condutas que, realmente, vêm condizer com o discurso do “novo racismo”.

A afirmação de que alguns grupos neonazistas, na década de 80 e começo de 90, se afirmaram sob as condutas do “novo racismo” ao defenderem a volta de imigrantes estrangeiros para seus países, não explicaria os sucessivos assassinatos de negros e homossexuais assumidos por esses movimentos. Nesta conduta, violenta, está clara a presença da intolerância em relação ao outro e da dicotomia superioridade/inferioridade racial. Tal iniciativa é notada explicitamente no caso do grupo neonazista, *National Alliance*, que acredita, baseado no romance escrito pelo seu líder William Pierce, *Turner Dier*, em uma guerra racial onde os brancos cristãos irão acabar com os negros e judeus, vistos como racialmente inferiores.

Diante de tais circunstâncias não se pode dizer que as iniciativas do neonazismo diferem demasiadamente das do nazismo original e que a questão da superioridade racial não existe no seio destes grupos. Eles conservam a segregação cultural, mas também, ao contrário do que alguns historiadores e sociólogos apontam, cultivam a crença na “superioridade racial” e aos símbolos e agentes do nazismo alemão. Desta

forma, pode-se afirmar que a questão cultural é uma característica intrínseca ao neonazismo, mas de maneira alguma, o define.

A questão cultural ganhou maior notoriedade nos movimentos neonazistas, em virtude da estratégia ideológica empregada por esses grupos para se adaptarem a uma nova realidade econômica, política e cultural do fim do século XX. O judeu de ontem é o imigrante de hoje. Os partidos políticos ligados ao neonazismo tiveram de entrar no jogo democrático, por isso não soaria bem falar em extermínio. Mesmo assim grupos menos comprometidos com a política propagam o extermínio em relação aos negros, judeus e homossexuais. As gangues na Europa, que em boa parte são filiadas e financiadas por partidos como *National Front* inglês, têm de modificar seu discurso ao falar publicamente neste assunto.

O mundo não é o mesmo de sessenta anos atrás, o genocídio dos campos de concentração, cada ano que se passa, soa menos violentamente, mas para o bem da democracia, a memória e a história ainda deixam cicatrizes na sociedade moderna, e por isso o discurso nazista de extermínio e superioridade racial não vingaria publicamente. O que não quer dizer que ele deixou de existir. Ele está nas entrelinhas, diluído na xenofobia, no nacionalismo dos grupos de extrema direita e no discurso de segregação cultural e de superioridade racial dos anos 80 e começo dos 90, que acabou explicitando-se, no final desta década, virtualmente, na internet, aproveitando-se do anonimato possibilitado por essa infovia.

Ao analisar os grupos, movimentos e partidos neonazistas nota-se que diferem uns dos outros, sendo uns mais diretamente ligados às premissas nazistas, outros menos, entretanto, todos, sem exceção, carregam em seu núcleo, de forma nítida ou travestida, uma característica que os liga, política e socialmente, às ideologias e às iniciativas da intolerância nazista. A “velha” ideologia nazi-fascista, a determinada leitura do passado, assim como as propostas para o futuro, constituem-se em pontos de convergência capazes de reunir indivíduos do movimento neonazista em torno de instituições, grupos e publicações.

Para estudar a rede de solidariedade destes grupos que caracterizam o neonazismo como um movimento, pretendeu-se subdividi-los em dois níveis: os partidos e as gangues.

Os Partidos

Ao se falar de partidos ligados ao neonazismo logo vem a lembrança dos partidos xenófobos europeus. No entanto, para alguns especialistas e cientistas políticos tais partidos, também chamados de Nova Direita, não se encaixariam no movimento neonazista.⁸

Os partidos de extrema direita, aqueles com verdadeiras pretensões políticas, procuram não se comprometer diretamente com o nazismo. Eles usam uma estratégia dissimulada para entrar no jogo da democracia liberal. Entretanto, muitos destes foram formados por velhos militantes ou membros do

⁵ BARKER, M. *The New Racism. Conservatives and the ideology of the Tribe*. London: Junction Books, 1981, p 23-24.

⁶ CRUZ, N. R. *Negando a história. A Editora Revisão e o neonazismo*. 1997. 241 p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, p. 16.

⁷ Ao contrário do que se pensa, os grupos neonazistas e de extrema direita são totalmente contra o ETA e outros grupos separatistas, tanto que na Espanha existe uma organização de extrema direita que é contrária a este movimento o *Anti-terrorista ETA* (ATE), conferir: FLORENTIN, M. *Guia da Europa Negra: sessenta anos de extrema direita*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1994.

⁸ HOCKENOS, P. *Livres para Odiar- Neonazistas: ameaça e poder*. p. 35 a 88.

exército ou do Partido Nacional Socialista.

Em um primeiro momento, estes ultra-direitistas ficaram diluídos nos partidos conservadores ou de centro-direita. Nos anos 80, a aproximação dos partidos de centro direita com outras linhas ideológicas, principalmente aquelas ligadas à social-democracia fez com a extrema-direita passasse a agir independentemente. Tal acontecimento está no centro da discussão sobre o surgimento da Nova Direita, pois para se fazer presente no jogo político democrático, tais partidos teriam que se desligar do estigma do nazi-fascismo. Assim, a extrema direita iria promover o que Paul Hockenos chamou de “revolução cultural da direita”. Os neofascistas modernos, “através de uma revolução cultural de direita, buscaram criar um clima social e político que, mais uma vez seria receptivo às idéias fascistas”⁹. Realmente, pode-se notar que os partidos de extrema-direita tentaram revigorar sua imagem, para assim agradar a um número maior de adeptos.

Pontuam-se aqui duas diretrizes que, possivelmente, foram as mais importantes nesta tentativa de “modernização” da extrema-direita. A primeira consistia em camuflar a ideologia intolerante de superioridade racial e outros estigmas da ideologia nazista em um “revigorado” discurso baseado nas diferenças culturais. A segunda apoiava-se na tentativa de redimir os crimes e a relevância da violência nazi-fascista perante a opinião pública mundial.

Este último fator é muito importante para a discussão da linha negacionista, pois este movimento tenta enveredar seu discurso justamente no sentido de redimir os crimes e os criminosos nazistas, chegando a negar a existência das câmaras de gás e a questionar a veracidade do Holocausto. Este movimento também chamado de revisionista, formado na Europa, no período do pós-guerra, alastrou-se por vários países, inclusive no Brasil com a Revisão Editora¹⁰. Esta corrente neonazista formada por vários acadêmicos se beneficiou e deu subsídios ao discurso da Nova Direita

A estratégia da Nova Direita foi usada com o intuito de passar a imagem de que esses partidos podem entrar no jogo político devido ao seu diálogo íntimo com a democracia e ao seu não alinhamento com a ideologia nazi-fascista. Com tal discurso, muitos partidos de extrema direita estão tendo votações expressivas nas eleições presidenciais e parlamentares da Europa. Alguns estudiosos da política européia afirmam que os “extremistas estão chegando ao poder devido às coalizões feitas com os partidos de centro-direitista”¹¹.

O argumento mais comum usado para explicar o crescimento da extrema-direita na Europa decorre do fato de que só estes partidos discutem problemas localizados, que boa parte da população européia quer ouvir. É assim o caso da imigração, tema que não deixa europeu nenhum indiferente. O preconceito anti-imigrante ainda é notório na Europa e parte do discurso, equivocado, de que a economia européia é frágil demais para sustentar os imigrantes. Uma outra explicação também utilizada, principalmente pela mídia, para explicar o voto na extrema direita é a falta de opção do eleitor, a qual é causada diante das diferenças cada vez menores de conservadores e socialistas. No entanto, um argumento que ajudaria a justificar a possível força política de alguns desses partidos é pouco discutido. Tal explicação parte do fato de que a extrema-direita beneficia-se da coligação com grupos, gangues e partidos radicais nazi-fascistas. Sem este apoio os partidos extremistas não teriam tal projeção política¹. Grupos e movimentos radicais neonazistas arrecadam votos através de propaganda e funcionam como verdadeiros “currais eleitorais para os partidos da Nova Direita”, pois seus principais eleitores se localizam no seio destes grupos².

Há de se concordar com a hipótese de que a influência política-ideológica destes grupos radicais pode trazer muitos eleitores para a Nova Direita, haja vista que alguns dos partidos que se coligaram com movimentos radicais, como a Frente Nacional (FN), conseguiram votações expressivas em seus países.

A Frente Nacional além de angariar votos de jovens dos movimentos urbanos ligados ao neonazismo como os *skinheads* e *hooligans*, conseguiu apoio fundamental de movimentos e partidos de extrema direita como, Faisceaux Natioialistes Européens (FNE), Parti Nationaliste Français (PNF) e Phalange Française, e de grupos radicais internacionais como a *National Front*³. Tal fato evidencia o quanto os partidos da Nova Direita necessitam do diálogo com os movimentos e gangues radicais ligados ao neonazismo

A FN sob a liderança de Jean Marie Le Pen, com um discurso xenófobo que deixava transparecer sua nostalgia pelo velho regime nazista foi, durante o final das décadas de 80 e 90, angariando votações consideráveis, até que chegou em 2002 ao segundo turno da eleições presidenciais francesas, com 17% dos votos, deixando o então primeiro-ministro Lionel Jospin, do Partido Socialista, fora da disputa com Jaques Chirac.

Na Áustria, em 1999, sucedeu um acontecimento

9 Idem, p. 65.

10 A Revisão Editora constitui-se num dos principais focos brasileiros de negação do holocausto. Localizada em Porto Alegre (RS) e fundada no final dos anos 80, a editora, depois livraria, foi alvo de vários processos criminais em virtude do conteúdo ideológico e racista das obras que edita e comercializa, tendo assumido um caráter quase clandestino. Os problemas com a justiça, por sua vez, fizeram com que a editora e os nomes a ela ligados, alterassem o seu modo de atuação, que passou a se dar, fundamentalmente, por meio de uma página na internet. Conferir. JESUS, C G N. de. O Negacionismo e a Revisão Editora. In.: Encontro Regional de História. ANPUH –SP, 16, 2002, Franca -SP. *Anais...* Franca: UNESP, 2002, p.157-158. Em dezessete de setembro de 2003, no Supremo Tribunal Federal, foi mantida a condenação por racismo de seu fundador Siegfried Ellwanger.

11 O avanço da direita. *Veja*, São Paulo, ano 34, n. 17, p. 54-55, 01 maio 2002.

12 O que comprova este fato é o caso Partido Republicano Alemão, fundado em 1983 na Bavária, por Franz Shönhuber, ex-membro da *Waffen SS* que deixava claro que se orgulhava de ter pertencido a esse grupo e argumentava que a história alemã deveria ser inocentada para facilitar a unificação. Em janeiro de 1989, o partido conseguiu 7,5% dos votos nas eleições municipais da então Berlim Ocidental e em julho deste mesmo ano dois milhões de alemães ocidentais votaram no Partido Republicano nas eleições parlamentares, mas em 1990 o partido teve uma enorme derrota nas eleições federais, ficando abaixo dos 5% necessários para a representação parlamentar. O motivo de tal desgaste do partido, em menos de um ano, se deu, segundo Hockenos, a não coalizão deste com os grupos neonazistas radicais que, além de compartilharem com seu discurso xenófobo, era seu grande celeiro partidário. Os dados foram colhidos em HOCKENOS, P. *Livres para odiar*. p. 68-75.

13 A estratégia política destes grupos radicais contam com uma grande estrutura, compreendendo: editoras, revistas para diferentes grupos de diferentes faixas etária, e distribuição de panfletos. Todo este aparato é montado com a intenção de infiltrar o discurso xenófobo fascista em grupos de massa como as torcidas de grandes times de futebol.

14 O National Front é de origem inglesa, mas tem ramificações por toda Europa.

semelhante, mas o agravante é que o Partido da Liberdade (FPO) do chamado “yuppie fascista” Jörg Haider, filho de nazistas históricos, venceu as eleições parlamentares com 40% dos votos. Mesmo não se dizendo neonazista e afirmando ser adepto do neoliberalismo, Haider baseou seu discurso na xenofobia e na nostalgia nazista, assemelhando-se, muito, aos argumentos de Le Pen. No mesmo ano, seu diálogo com grupos neonazistas e extremistas também ficou conhecido¹⁵. O caso da coligação de Silvio Berlusconi com movimentos de extrema direita como a Liga Norte e a Aliança Nacional, de Gianfranco Fini, que tem raízes no fascismo dos tempos de Mussolini, também é notório. Outros partidos como o Partido do Povo, da Dinamarca e o belga Vlaams Blok seguem tendências semelhantes.

O caso do partido List da Holanda talvez seja o único que difere dos demais citados, pois além de não aceitar o apoio de grupos radicais o partido holandês foi sutil no que diz respeito à xenofobia e à imigração. Seu líder Pim Fortuyn foi condizente com o liberalismo social e até mesmo com a tolerância aos imigrantes, mas argumentava que para preservar esses valores era necessário ser intolerante com novas imigrações e com o islamismo, que ele descrevia como uma religião retrógrada. Fortuyn não defendeu que a minoria de imigrantes fosse expulsa do país, pelo contrário, dizia que eles deveriam ser integrados à Holanda, adotando a cultura holandesa. Pouco antes das eleições, em 2002, Fortuyn foi morto e seu partido ficou em segundo lugar nas eleições. Há especulações de que sua morte decorreu do descontentamento de grupos neonazistas, mas de acordo com a polícia local ele foi morto por sua posição a favor da criação de animais para o aproveitamento de peles.

Ao ocultar o discurso da intolerância racial nas diretrizes de diferenças culturais dos estrangeiros, Fortuyn foi o líder da extrema direita que melhor aproveitou o discurso forjado por esta linha política. Ao tentar direcionar sua intolerância à religião islâmica, ele deixa transparentes as suas pretensões discriminatórias, mas ao mesmo tempo tenta dissimular seu discurso racista, que o ligaria mais facilmente à ideologia fascista.

A justificativa religiosa também está sendo usada para justificar o racismo de partidos e grupos neonazista, principalmente norte-americanos, só que de uma forma mais radical. No começo da década de 90, surgiu no EUA uma ideologia religiosa e de cunho racista denominada *Identidade Cristã*. Ao juntar dois elementos explosivos, raça e religião, a *Identidade Cristã* tentou justificar o racismo pela religião, argumentando que o cristianismo foi a crença religiosa escolhida por Deus, pois este teria mandado seu filho para se sacrificar pela humanidade. Sendo assim, todas as outras religiões seriam inadequadas e deveriam ser extintas através de uma guerra santa feita por cristãos brancos. De uma só vez, tal seita excluiria

os mestiços, negros e judeus. Esta visão possibilitou que os militantes da *Identidade Cristã* se apropriassem da linguagem simbólica da Bíblia para manipular o seu discurso. Este grupo afirma existir, na Bíblia, passagens em que o cristianismo defende a superioridade racial branca.

O mais preocupante a respeito de tal grupo é que a *Identidade Cristã* foi um movimento agregador entre todos os adeptos da superioridade ariana norte-americana como na *National Alliance*, *Klu Klux Klan* e *Aryan Nation*, e está se infiltrando nas Igrejas Presbiterianas, divulgando seu discurso racista em meio às pregações religiosas, fazendo aumentar, gradativamente, o número de seus seguidores que são bombardeados, invariavelmente, por teorias racistas diluídas nos discursos religiosos¹⁶.

Grupos neonazistas e racistas norte-americanos, como *National Alliance*, *American Nazi Party* e *Klu Klux Klan*, devido ao sistema político bipartidário deste país, se restringem a agir por meio de propagandas, livrarias e editoras. Em alguns momentos seus líderes se aventuram, principalmente no sul do EUA, a se candidatarem a algum cargo político, representando o Partido Republicano. É assim o caso do chefe da *Klu Klux Klan*, David Duke, que obteve 39% dos votos nas eleições para governador na Louisiana, em 1991.

Para o jogo político, as afinidades entre os partidos e os grupos radicais neonazista ficavam ocultas. No entanto, nos anos 90, a internet possibilitou que a propaganda e as “pregações” destes grupos saíssem da clandestinidade, podendo alcançar fronteiras até então intransponíveis¹⁷. Os partidos desta Nova Direita que se aproximaram das gangues, dos grupos ou dos partidos radicais foram chamados por Paul Hockenos de “partidos renovados da Nova Direita”. Deve-se deixar claro que as gangues, o grupos e os movimentos urbanos também se beneficiam da coligação com os partidos, pois têm suas atividades financiadas por estes últimos.

As Gangues

Ao tentar pontuar as gangues comprometidas com o neonazismo seria impossível não ligá-las aos grupos, movimentos neonazistas e partidos de Nova Direita, que dão suporte ideológico e logístico a esses jovens defensores do nazi-fascismo. Além de ser o esteio militante dos partidos, os jovens representam o verdadeiro batalhão de choque dos diversos grupos. Entretanto não foi sempre assim. Para se entender o surgimento de uma das principais gangues neonazistas, os *skinheads*, será necessário voltar à década de 50 do século XX, época que corresponde aos “anos de ouro” apontada por Hobsbawm¹⁸.

Com a retomada do desenvolvimento econômico no pós-guerra, ocorreram mudanças significativas no padrão de vida da classe operária inglesa. Nos anos 50, os jovens operá-

¹⁵ Sobre Haider e o Partido da Liberdade conferir RIBEIRO, L. D. e VIZENTINE, P. F. A Extrema Direita no Poder: O caso da Áustria. In.: MILMAN, L., VIZENTINI, P. F. (Orgs.). *Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político*. Porto Alegre : UFRGS, 2000, p.79-88 e o artigo : A ultra-direita chega perto do poder na Áustria. *Estado S. Paulo*. São Paulo, 04 out. 1999. Internacional. p. A 11.

¹⁶ Tal estratégia usada pelos grupos neonazistas dos Estados Unidos parece estar dando resultado, pois baseado neste discurso de Guerra Santa Ariana, Timothy Mac Veigh, explodiu um prédio do governo norte-americano em Oklahoma, em 1994, fazendo inúmeras vítimas entre elas várias crianças. O terrorista confessou, antes de ser condenado à morte, ter se inspirado no livro do líder do *National Alliance*, o falecido William Pierce. Em *Turner Dier*, Pierce fala de uma revolução da raça branca pelo controle mundial. Para maiores informações sobre a *Identidade Cristã*, outros grupos adeptos da superioridade ariana e sobre o atentado de Oklahoma, conferir.: RIDGWAY, J. *Blood in Face: The Klu Klux Klan, Aryan Nation, Nazi Skinheads*. 2 ed. Los Angeles : Thunder's Mouth Press, 1995.

¹⁷ Sobre sites neonazistas na internet e seu comprometimento com a intolerância racista conferir: KHAN, T. *Ensaio sobre o racismo*. São Paulo: Conjuntura, 1999

rios passaram a ser melhor remunerados, com isso começaram a gastar mais, o que possibilitou a criação de um mercado de consumo para adolescentes e jovens, contribuindo para a consolidação de uma “cultura jovem”.

Ao tentar se diferenciar do restante da sociedade, os jovens procuravam uma forma singular de comportamento que ia desde de seu visual, gosto musical, até suas ações marcadas pela violência¹⁹. Estas singularidades também serviriam de contraponto para caracterizar cada uma das gangues formadas nos anos 50. Pequenas diferenças no seio de cada grupo de jovens passaram a ser o principal fator para as desavenças e as brigas de ruas entre as gangues das grandes cidades da Grã-Bretanha. A esta cultura, marcada pela violência dos jovens, alguns estudiosos chamariam de “subcultura”²⁰.

A iniciativa das ações violentas das gangues evidenciou o comportamento destes jovens perante a mídia e a justiça. Para fugir de tal exposição as gangues se misturaram às torcidas de futebol e se refugiaram nos estádios. Por isso, a socióloga Márcia Regina da Costa argumenta que não foi por acaso que os *skinheads* surgiram logo após a Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra. A violência e a presença nos estádios possibilitaram à mídia a definir tanto os *skinheads* quanto os torcedores de futebol, pelo mesmo rótulo de *hooligans*²¹. No entanto, a violência e a presença nos estádios de futebol seriam, nesta época, as únicas semelhanças destas duas gangues, o que não impediria que existissem *skinheads* nos grupos de torcedores..

Os *hooligans* eram violentos em nomes de seus clubes de futebol, eram torcedores e não contestadores. Os *skinheads* não se comprometiam, prioritariamente, com um clube de futebol e usavam a violência em nome de uma causa mais política e ideológica, que ainda não era o fascismo. Esses jovens operários que vestiam calças com suspensório, botas, jaquetas e usavam a cabeça raspada, para passar uma imagem de limpeza, tinham a intenção de contestar a nova ordem econômica que já estava apontando para uma época de crise e desemprego. Foi neste momento que os *skinheads*, a exemplo dos *hippies* foram protestar contra a sociedade de consumo. No entanto, diferentemente do pacifismo dos *hippies* os *skins* se caracterizavam pela violência e, mais à frente, pelas suas posições políticas e ideológicas. Os *hippies* vinham da classe média enquanto os *skinheads* da classe operária. Com o tempo o movimento dos *skinheads* se baseou em tudo que era contrário ao movimento *hippie*, entretanto, continuou a questionar a sociedade de consumo.

No fim dos anos 60, o contexto político e econômico favoreceu os movimentos de jovens cujos protestos ganharam um viés mais político que cultural. Os prenúncios da crise, que iria explodir na década 70, estavam cada vez mais claros. A modernização e, posteriormente, a crise econômica atingiram violentamente o operariado. O desemprego começava a se mostrar como um duro problema a ser remediado. A importação de mão-de-obra mais barata da África e Ásia acabava por estimular uma grande rejeição ao estrangeiros, fator que

iria se desdobrar em xenofobia e racismo. Foi nesse ambiente que grupos como o *National Front* inglês inseriu a ideologia nazi-fascista nas gangues.

As características culturais e políticas dos *skinheads*, que nunca tinham sido muito estáveis, neste momento, se mostravam totalmente sensíveis. O estilo musical que tanto norteava as gangues nos anos 70, também deixava o grupo à mercê de uma certa instabilidade, já que o *reggae* estilo musical cultuado por eles, também reivindicava um espaço para cultura negra, o que não fazia parte das pretensões culturais dos *skinheads*²². Tal contexto levou, nos anos 70, a duas situações que ocorreram paralelamente: a adesão deste grupo à música *punk* e o engajamento nas fileiras da extrema-direita.

O movimento *punk* viria para criticar a sociedade de consumo e evidenciar a luta contra o imperialismo. O *punk* como movimento chamou a atenção dos *skins* também pela sua agressividade, pelo modo como queriam passar a mensagem de descontentamento com a atual sociedade, chocando não com ações violentas, mas com o visual, com as roupas e os penteados exóticos. Por detrás de tal agressividade a mensagem do movimento *punk* se mostrava pacifista e artística. Estava claro que as semelhanças entre os dois grupos eram ilusórias e iriam se distanciar quando estes jovens afirmassem suas posições políticas. Ainda nos anos 70, a música e o movimento *punk* foram absorvidos pelo mercado e logo foram criticados pelos *skinheads* e também pelos *punks* originais.

Houve uma tentativa, no começo dos anos 80, por parte dos *punks*, para reafirmar seu movimento diante de tal ambigüidade. Foi criado outro movimento denominado OI!, que se baseava em uma música mais lenta que o punk-rock “e visava congrega punks, skinheads e jovens desempregados”²³. Mas o movimento não se consolidou, os *shows* foram marcados por brigas de *skinheads* e *punks*. A ilusória semelhança já não funcionava como fator agregador. O teor ideológico do racismo e do fascismo no seio dos jovens *skinheads* já era notório:

*No processo de retomada do punk, várias bandas participaram de shows denominados “Rock against Racism”, cujo intuito era combater a influência do “National Front” (extrema direita) na classe operária, principalmente entre os jovens. Esses shows, no entanto, foram encerrados devido a conflitos e acusações de que determinadas bandas, ouvidas por skinheads, teriam ligações com a extrema direita e seriam racistas*²⁴.

Neste momento pode se notar o papel dos grupos e movimentos neonazistas na formação ideológica dos *skinheads*. Os discurso era adicionado naquilo que estes jovens mais estimavam: a música. As bandas ficaram expostas à “nova” linha da ideologia nazi-fascista que por sinal viria corroborar com o discurso dos partidos da Nova Direita. Essa “nova” linha nazi-fascista foi representada pelo discurso negacionista

18 HOBBSAWM, E.. Os anos de Ouro. In.: *Era dos extremos- O breve século XX*. 2ed. São Paulo : Cia das Letras, 1999, p. 253-81.

19 COSTA, M R.. As origens inglesas. In. : *Os carecas do subúrbio*. São Paulo: Musa, 2000, p. 19-39.

20 HERBDGE, D. *Subculture: The Meaning of Style*. London/ New York: Methuen, 1988.

21 O termo, na época, serviria para comparar os jovens à uma violenta família irlandesa do século XIX, chamada *Houlihan*.

22 No entanto, desde do começo tais gangues foram marcadas por sua ambigüidade, segundo alguns estudiosos as fontes de identidade dos primeiros *skinheads* seriam a mescla da cultura dos imigrantes negros provenientes das Antilhas, conhecidos como *rudies*, à cultura da classe operária branca inglesa.

23 COSTA, M R.. *As Origens Inglesas*. p. 35.

dos ditos revisionistas²⁵.

Para os negacionistas, a persuasão das gangues é preponderante, pois além destes levarem a “seita” negacionista adiante²⁶, também estão mais receptivos a aceitar tais teses despropositadas, já que há a possibilidade da memória se perder com o tempo. Na concepção destes jovens, a história cede à estratégia de argumentação dos ditos revisionistas, que diluem seu discurso na mais venerada de todas as bases culturais dos *skinheads*, a música. Os partidos da Nova Direita também se beneficiaram com a divulgação do discurso revisionista entre os jovens, ganhando um número considerável de eleitores, pois a panfletagem dos partidos de extrema direita foi permeado pelas teses revisionistas.

No começo dos anos 80, a maioria dos *skinheads* da Europa e depois do resto do mundo, adotaram a ideologia nazi-fascista e receberam o apoio logístico e financeiro de alguns grupos e partidos da extrema-direita. O mesmo aconteceu no caso dos *hooligans* que, já nos finais dos anos 60, foram abordados pelos partidos e grupos ligados ao nazi-fascismo.

O nazi-fascismo sempre teve como sua marca indelével o intuito de ser um movimento de massas e Hitler ficou conhecido pela habilidade de convencer e conduzir estas massas. Assim, grandes torcidas de times do futebol europeu como Manchester United, Arsenal de Londres, Juventus de Turim, Lazio de Roma, Celtic de Glasgow, Bayern de Munique, Real Madri, Barcelona e tantos outros foram alvos fáceis para a propaganda nazi-fascista.

Bill Bufford, jornalista e sociólogo americano, radicalizado na Inglaterra, ao analisar os *hooligans* chegou à conclusão, depois de permanecer alguns anos em meio às torcidas, que a violência de massa, aquela partilhada sob um suposto anonimato, exerce um apelo insidioso que pode chegar ao ponto do irresistível até nas mentes mais esclarecidas. Tal afirmação foi comprovada pelo próprio jornalista em sua observação participante. Segundo Bill Bufford, este poder das massas é muito conhecido pelos nazi-fascistas, “existe um poder brutal e terrível na multidão. O National Front conhece seu potencial e sabe o quanto é raro ver tal potencial cumprir-se e o quanto é difícil chegar a controlá-lo²⁷”.

O contexto político e econômico também influenciou para que o discurso xenófobo e racista se fizesse presente nos hinos e nos gritos de guerra dos torcedores. Mas, diferentemente dos *skinheads*, os *hooligans* fazem parte, na sua maioria, da classe média européia que pode pagar caro para assistir uma partida de futebol de seu time ou que possa pagar o dobro ou triplo para acompanhá-lo em jogos fora de seus países, como na Liga dos Campeões Europeus.

O National Front inglês é o movimento neonazista que mais incentiva o racismo e o discurso fascista dentro das torcidas. Para isso conta com várias revistas como a *Bulldog*, que aborda os mais diferenciados assuntos futebolísticos em uma linguagem direta, e outras publicações, como o *National*

Front News, que prima por uma linguagem mais acadêmica. *Bulldog* é destinada diretamente às torcidas. Na revista os jovens torcedores expressam e relatam suas ações racistas por meio de um espaço destinado ao leitor. O grupo também conta com um segmento de jovens, entre eles *skinheads*, que tem a função de levar a ideologia do movimento para dentro das torcidas. Este segmento do movimento é denominado *Young National Front*.

Acidentes graves em estádios de futebol foram creditados aos *hooligans*. Algumas vezes essas gangues serviram como bode expiatório para minimizar a incompetência de dirigentes e policiais responsáveis pela segurança numa partida de futebol. Assim foi o caso do estádio de Hillsborough que serviria de palco às semi-finais da Copa da Inglaterra entre Liverpool e Nottingham Forest e acabou por abrigar noventa e seis mortes em 15 de abril de 1989. O mesmo não se pode dizer do acontecimento no estádio de Heysel em Bruxelas, na final da Liga dos Campeões entre Juventus de Turim e Liverpool, que teve o saldo de trinta e nove mortes e seiscentas pessoas feridas.

Tanto os *skinheads* quanto os *hooligans* no começo da militância aceitaram muito bem o discurso de grupos e de partidos neonazistas que pregavam que a intolerância racial poderia se ocultar por trás de concepções culturais, seguindo a linha do novo racismo. No entanto, tal tendência não durou muito. Com o passar do tempo, ainda nos anos 80, foi visto, tanto nas ruas como nos estádios de futebol, a presença do “velho racismo”, baseado na superioridade racial, na afirmação de que o outro, pelo simples fato de ser visto como diferente, deveria ser tratado como inferior. É nesse contexto que torcedores e grupos de *skinheads*, cantando fragmentos de canções de grupos neonazistas, como as do *White Power*, em estádios e em encontros de gangues, agridem, muitas vezes, fatalmente, imigrantes, homossexuais e negros em nome de uma intolerância que fez tantas vítimas no passado.

Conclusão

Discutir o nazismo e neonazismo hoje ainda é um problema a ser trabalhado. Muitos acadêmicos e estudiosos preferem não tocar no assunto para não reabrir certas feridas. No entanto, o problema está à nossa frente, a internet, além de possibilitar o anonimato e a proximidade ainda maior entre grupos e partidos, também facilita a divulgação de um revisionismo de caráter militante que procura enaltecer os velhos dogmas nazistas e minimizar seus maiores crimes. Para o bem de uma nova geração que não sente o peso e a violência do que foi o Holocausto, é necessário, neste momento, salientar o papel e a importância da memória na história, para assim discutir e criticar o que foi a intolerância nazista, que hoje, infelizmente, reaparece permeada nas entrelinhas do discurso neonazista.

24 Idem.

25 Tal estratégia de aproximação é apontada por Pierre-André Taguieff: “O revisionismo radical tornou-se um dos principais componentes das temáticas dos grupos de rock de extrema direita que apareceram na França entre 1984 e 1986. O grupo “Légion 88”, criado em outubro de 1984, “com finalidade de politizar o movimento skinhead na direção do nacional socialismo europeu”, propôs difundir no interior da juventude “nossa concepção de nacional socialismo europeu”. Perante a questão: “em que direção vocês irão orientar o combate nos meses que virão?” “Legião 88” respondeu, na primavera de 88: “Atualmente é a difusão das idéias revisionistas que nos parecem as mais importantes. O sistema repousa, depois de 1985, sobre o mito do holocausto: a nossa contribuição é o destruir”. TAGUIEFF, P.-A. apud COSTA, M. R. *op. cit.*, p. 36.

26 A denominação de “seita” para o movimento negacionista parte do historiador Vidal Naquet em sua coletânea de textos denominada *Assassinos da Memória*. Verificar: NAQUET, P. V. *Assassinos da memória*, SP, Campinas: Editora Unicamp, 1988.

27 BUFFORD, B.. *Entre os Vândalos - A multidão e a sedução das Massas*. São Paulo: Cia das Letras, 1992, p.235.

BIBLIOGRAFIA

- BARKER, M. *The New Racisme. Conservatives and the ideology of the Tribe*. London: Junction Books, 1981.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BUFFORD, B.. *Entre os Vândalos- A multidão e a sedução das Massas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- EISENBERG, D. *The Re-emergence of facism*. London: Wocester & London, 1967.
- HERBDGE, D. *Subculture: The Meaning of Style*. London/ New York: Methuen, 1988.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos - O breve século XX*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- HOCKENOS, P. *Livres para Odiar - Neonazistas: ameaça e poder*. São Paulo: Scritta, 1995.
- HUNTIGTON, Samuel. The Clash of Civilizations?. In: *Foreign Affairs*. London: Summer, 1993, p.22-49.
- MILMAN, L., VIZENTINI, P. F. (Orgs.). *Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político*. Porto Alegre : UFRGS, 2000.
- RIDEGWAY, J. *Blood in Face: The Klu Klux Klan, Aryan Nation, Nazi Skinheads*. 2ª ed. Los Angeles: Thunder's Mouth Press, 1995.